

COMPONENTES ICONOGRÁFICOS NA PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE RIO VERDE, GOIÁS, BRASIL

*Iconographic elements in the urban landscape of the city of Rio
Verde, Goiás, Brazil*

Fernando Uhlmann Soares
Instituto Federal Goiano (IFGoiano)
fernando.soares@ifgoiano.edu.br

Ana Carolina de Oliveira Marques
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
carol.geografia@hotmail.com

Resumo

Objetivou-se com este trabalho identificar e analisar as vozes que bradam dos componentes iconográficos (pichações, propagandas e monumentos) nas principais avenidas da cidade de Rio Verde, Goiás. Não obstante, o presente texto apresenta uma reflexão conceitual sobre alguns temas para embasar a análise das contradições vivenciadas pela população na trama diária da cidade. O problema central é: podem os componentes iconográficos mediatizarem a leitura da paisagem urbana? A metodologia consistiu em interpretações semióticas de pichações por meio de trabalhos de campo, análise de imagens e monumentos. Partiu-se do seguinte pressuposto teórico: muros, calçadas, fachadas, arruamentos e ritmos e fluxos urbanos apresentam imagens reveladoras das contradições sociais urbanas. As imagens representam, assim, modos diferenciados – e combativos – de se apropriar da cidade e de transformá-la em linguagem.

Palavras-chave: Propagandas. Pichações. Monumentos. Urbanejo.

Abstract

The objective of this work was to identify and analyze the voices that cry out for iconographic components (graffiti, advertisements and monuments) in the main avenues of the city of Rio Verde, Goiás. Nevertheless, this text presents a conceptual reflection on some themes to support the analysis of the contradictions lived by the population in the daily plot of the city. The central problem is: can the iconographic components mediate the reading of the urban landscape? The methodology consisted of semiotic interpretations of graffiti through field works, image analysis and monuments observations. The following theoretical assumptions were made: walls, sidewalks, facades, streets and also urban rhythms and streams present revealing images of urban social contradictions. The images represent, thus, differentiated - and combative - ways of appropriating the city and transforming it into language.

Keywords: Advertisements. Graffiti. Monuments. Urbanfarm.

Introdução

As paredes ataviadas com mensagens de fé, propagandas que bradam a força da mercadoria, protestos, gozações – e outros signos – transformam as calçadas e os muros num “novo” modelo político e formas diferentes de expressão da consciência urbana. O mesmo se diz relativo a monumentos que alteiam tradições de algumas vozes propagadas pela sociedade rio-verdense em Goiás em função de seus sustentáculos morais e ideológicos.

Para Fernandes (2009), as paisagens urbanas originam-se numa sucessão de inscrições materiais e imateriais que respondem a necessidades funcionais. Contudo, pelo fato de serem produtos de diferentes e contraditórios segmentos sociais, resultam também da representação espacial de valores e concepções culturais, as mais diversas.

Analisar a iconografia das principais avenidas de Rio Verde é, assim, desvendar os agentes sociais, políticos, culturais ou econômicos que discursam e produzem as identificações de falantes e a quem se dirige essa fala. Em decorrência disso as paisagens urbanas são repletas de intencionalidades. Subjazem o emaranhado de símbolos recentes da paisagem urbana de uma cidade média do interior de Goiás, como é o caso de Rio Verde, às várias maneiras de apropriação da cidade.

Nesse quesito vale lembrar que para Sposito (2010) uma cidade média é aquela intermediária dos fluxos entre as grandes cidades metropolitanas e as pequenas cidades do interior mesmo não havendo o modelo hierárquico dantes. Mesmo que haja geógrafos que contestam as designações “cidade média”, “cidade pequena”, “pequena cidade”, a dimensão quantitativa se coloca aqui apenas como uma identificação espacial.

Não muito diferente da metrópole em relação às movimentações econômica e social, talvez caiba para Rio Verde até o desígnio de uma “cidade urbaneja” tal qual alude Chaveiro (2007) quando descreve a representação da capital Goiânia pelos de “fora” da cidade. Assim, ao andar pelas principais avenidas de Rio Verde, Goiás, objetivou-se extrair das vozes da cidade o significado subjacente dos componentes iconográficos – pichações, propagandas e monumentos – que determinados grupos o sujeitos gravam pela cidade.

Área de Estudo:

O município de Rio Verde (RVD), em vermelho na Figura 1, está localizado em área plana e fértil das regiões do centro-oeste brasileiro e do sudoeste goiano. É exaltada

nacionalmente como a capital do agronegócio em Goiás e a principal cidade do interior do estado em relação à população, economia e fluxos.

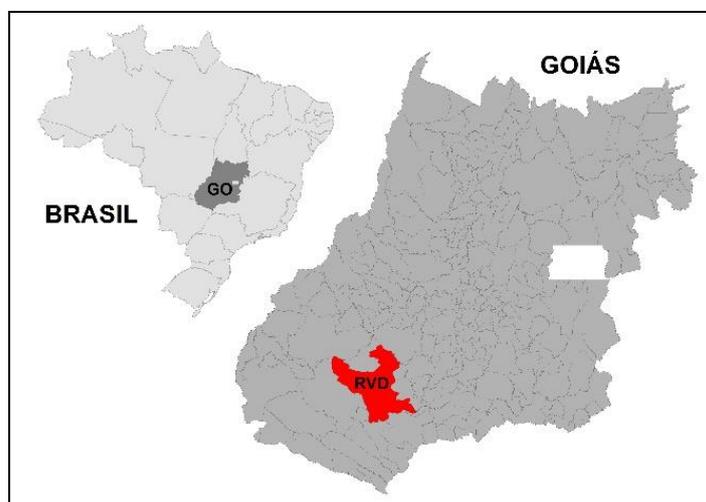


Figura 1:Localização. Elaborado pelo autor.

O Produto Interno Bruto (PIB) de Rio Verde é o maior do interior de Goiás. Entre os 246 municípios do estado, possui o 4º maior PIB, ficando atrás apenas da capital Goiânia, além de Anápolis e Aparecida de Goiânia que fazem parte da região metropolitana. Em 2010, foi classificada como o quinto maior PIB agropecuário do Brasil (IBGE, 2011).

Entretanto, toda essa opulência produtiva e econômica não se traduz até o momento na oferta proporcional de qualidade de vida à sua população. Rio Verde possui apenas o sexto maior IDH de Goiás conforme o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento: 2010 (PNUD, 2013). A desigualdade é estampada nas paisagens. Tuan (1980) ao definir a cidade enquanto um símbolo, mostra que as paisagens dela são carregadas de esquemas, signos e símbolos que servirão para desnudar as ações de grupos que nela vivem.

Seguindo o raciocínio de Spinelli (2007), as grandes avenidas da cidade foram as escolhidas para este estudo, pois são elas as mais propensas à pichação, já que servem de corredor casa-trabalho e garante maior visibilidade da pichação. Pelo mesmo motivo, também são as vias escolhidas para propagar ideias de determinados grupos e instalar monumentos pelo poder público.

Metodologia:

Foram identificados e fotografados os elementos iconográficos, bem como analisados e interpretados a intencionalidade dessas vozes nos muros da cidade ao final de 2017.

Assim, foram vencidos mais de 50km das avenidas: Presidente Vargas (8,0km), Universitária (1,8km), Água Santa (4,6km), José Valter (2,0km), Juscelino Kubitschek de Oliveira (3,5km), Paulo Roberto (5,0km), Jerônimo Martins (2,0km), Pedro Ludovico Teixeira (5,5km), Pauzanes de Carvalho (5,0km), João Belo (1,6km), Flamboyant (2,0km), Adão Mota (2,0km), 075 (3,0km) Rodovia Sul Goiana (3,0km) Alameda Barrinha (4,5km).

A fotografia foi empregada enquanto instrumento metodológico propício à análise dos componentes iconográficos ou tidos neste estudo como quaisquer intervenções aleatórias pelas avenidas da cidade, tais como pichações, propagandas e monumentos. Para Thomaz (2012) a fotografia está ligada à modernidade. Por isso, a interpretação fotográfica pode revelar o movimento da sociedade, da economia e da política por meio das transformações urbanas visíveis nas imagens.

Um passeio interpretativo: imagens diferenciadas

Ao percorrer as principais avenidas que convergem na direção central da cidade, foram identificados e analisados os elementos iconográficos da cidade: (1) pichações, (2) propagandas e (3) monumentos. A partir da identificação e consequente registro fotográfico desses elementos iconográficos, foi realizada neste trabalho uma análise semiótica sobre o significado aparente de cada signo. Da mesma forma, cada imagem fotografada recebeu um título condizente com as primeiras impressões.

Muito próximos nos seus objetivos e diferentes nas suas técnicas, as vozes, em forma de pichações e propagandas, difundem ideologias para evidenciar um grupo social, buscar adeptos às suas ideias ou influenciar comportamentos. Para Spinelli (2007) ambas compõem uma estética comunicativa que invadem a mente quando passa pelos olhos, podendo ser ou não decodificada.

Já, no caso dos monumentos, estes representam uma das formas com que o poder público perpetra suas intenções políticas ao longo dos anos e das diferentes formas de governar. Giumbelli (2013) afirma que memória é a palavra-chave em investigações sobre o papel desses objetos.

Pichações

Mesmo atento à discussão existente sobre as definições dos termos pi(ch)ação, pi(x)ação e grafite, essa reflexão foge ao objeto deste trabalho e, portanto, toma-se a palavra pichação como noção e não como conceito propriamente dito. Segundo Spinelli (2007) a pichação é signo comunicativo integrado arbitrariamente à linguagem urbana da cidade polifônica. Ainda, aponta que ela é institucionalmente ilegítima e sua realização está sujeita à pena e/ou multa.

Ainda que a lei 12.408/2011 criminalize o ato de pichar e descriminalize a prática do grafite atribuindo-lhe uma respectiva diferenciação entre vandalismo e arte, o termo pichação é utilizado neste trabalho como referência para quaisquer manifestações gravadas com tinta nos muros das avenidas da cidade.

Cabe aqui é ouvir os gritos dos sujeitos do espaço urbanejo por meio das suas vozes registradas nos muros da cidade. As pichações da cidade do interior, apesar de raras e despercebidas, são tão significativas em expressão quanto as das metrópoles, uma vez que também retratam os anseios e interesses do local.

Vale notar que essas representações na cidade em questão seguem o padrão que Pereira (2010) identificou na metrópole paulistana. A escolha do centro e das avenidas é provavelmente uma estratégia que evidencia a necessidade desses grupos serem ouvido por um maior número de transeuntes e, ao mesmo tempo, receberem o reconhecimento dos outros pichadores.

As vozes nos muros de uma cidade do interior também ocorrem em maior quantidade no centro ou em bairros próximos a este. Além disso, a similaridade entre a bibliografia pesquisada revela que jovens do sexo masculino e da periferia são os que escolhem a área central como ponto de convergência por ser um espaço de trânsito de todos os nichos sociais.

Como alerta Spinelli (2007) a vida na periferia já dificulta por si só o acesso do jovem ao mercado de trabalho, à cultura e à infraestrutura oferecida pelo governo. Assim, uma vez que parte da população entende as vozes nos muros como poluição visual ou mero ato de vandalismo, há que se tomar o cuidado para não estigmatizar o jovem da periferia urbana. Algumas das vozes retratadas são difíceis de serem precisadas nas suas significações, uma vez que o intuito não foi o de buscar a interpretação do autor invisível, mas procurar entender o que o levou a dizer à sociedade.

Para Ramos (2007) essas intervenções, sejam tomadas como poluição visual ou arte, surgem no contrafluxo dos planejamentos urbanos. Nesse sentido, o estudo dessas manifestações de linguagem impõe dificuldades na sua interpretação, pois muitas vezes não possuem datas que remetam ao momento histórico vivido e as ideologias da época.

Pennachin (2003) corrobora afirmando que esses dois signos, grafite e pichação, presentes no cenário imagético das metrópoles contemporâneas, são textos policodificados marcados pela imbricação de linguagens diversas. Por conseguinte, nem sempre são passíveis de leitura pelo cidadão envolto no caos imagético. Muitas dessas vozes acabam não sendo compreendidas ou sequer percebidas.

Assim, para possibilitar uma análise mais apurada das imagens, foram identificadas nas avenidas de Rio Verde quatro recorrentes tipos de pichações:(a)temática, (b)política, (c)religiosa e, (d)social.

a) Temática

Entendida por alguns autores como grafite, essas vozes são socialmente mais aceitas e, por vezes, consideradas arte já que supõem-se tratar de desenhos mais sofisticados e autorizados por entes públicos ou privados conforme previsão legal anteriormente citada.

Na imagem 1 o autor homenageia Rio Verde ao gravar o nome da cidade. A antonomásia com o lugar e sua gente está nas abóboras que compõem a cena.



Imagem 1: Rio Verde das abóboras

O apelido “Rio Verde das Abóboras” foi dado por soldados da Guerra do Paraguai que acamparam na região e na falta de gado se alimentaram de um dos frutos típicos e abundantes do cerrado que era a abóbora (Rio Verde, 2015). Os termos “Rio Verde das Abóboras” ou “Abobrense” são usados para designar, respectivamente, a cidade e o sujeito rio-verdense de nascimento.

Mais que uma referência de lugar, a imagem mostra o carinho e cuidado do artista com a cidade, a partir do momento em que ele une os elementos que a caracterizam regionalmente como: as abóboras, a cor verde do nome representada na tinta e a lembrança do Rio Verdão que originou a toponímia.

A análise das imagens 2 e 3 derivam de uma interpretação pessoal com teores subjetivos, uma vez que as representações parecem ser íntimas a quem as produziu. A proposta é justamente descrever o que contam as vozes nos muros, a imagem 2 chama atenção para duas crianças negras.



Imagem 2: Dois irmãos

Os dois meninos que poderiam ser irmãos olham fixamente para o interlocutor deixando-o, num primeiro momento, sem palavras sobre o que eles estariam pensando ou

querendo dizer. Os olhos brilhantes ensejam a ideia de que enxergam um futuro também iluminado. A cabeça altiva do primeiro menino evidencia a força com que segue em frente enquanto protege e ampara o menino menor, que transmite um semblante mais analítico do movimento de uma grande avenida da cidade.

Ao mesmo tempo, o desenhista chama a atenção para questões que envolvem os negros e, mais especialmente, as crianças negras no Brasil. Sobre isso, Oliveira (2004) diz que ser negro, é, essencialmente, um posicionamento político, onde se assume a identidade racial negra. Nesse sentido, a imagem chama atenção para a diminuição do preconceito e para a necessidade de políticas públicas antidiscriminatórias.

Enquanto isso, em outra avenida, a imagem 3 remete de maneira lúdica a um elefante sentado, fadigado ou abstratamente reflexivo.



Imagem 3: Elefante psicodélico

Pennachin (2003) retrata essa situação, ao ponderar que o imaginário do intervencionista é influenciado pelas vivências e experiências urbanas. As representações resultam de um processo em que ele assimila e interioriza os elementos da urbanidade em que vive. Depois os processa e interage, para devolvê-los sob forma de desenho. Os três caixotes

da imagem tornam-se, assim, bancos que compõem a cena do provável hábito dos moradores do local.

b) Política

No caso das imagens 4 e 5 as vozes dos muros gritam com suas letras maiúsculas a insatisfação de parte da população brasileira com a forma pela qual o Vice-presidente da República foi transformado em Presidente, após um golpe no governo de Dilma Rousseff e o estabelecimento de políticas antissociais. A imagem 4 evidencia o modo como o interlocutor entende o processo de tomada de poder por Michel Temer.



Imagem 4: Presidente Golpista

Löwy (2016) entende que a democracia atrapalha o trabalho da política capitalista. Por isso, a necessidade de se reduzir o espaço com medidas de exceção, daí surge a necessidade de elaboração de golpes, como praticou o modelo neoliberal em 2016 no Brasil. A voz de protesto ganhou os muros.

Com bases jurídicas frágeis, políticos envolvidos em escândalos de corrupção e crimes de outras naturezas, partidos de direita orquestraram um golpe contra o voto popular e depuseram a Presidenta Dilma Vana Rousseff das suas legítimas funções de Chefe de

Estado. No caso da imagem, a voz do muro conta no adjetivo imputado ao presidente golpista o desrespeito à soberania do povo. Por outro lado, a elite que não se via seu modelo econômico representado pela Presidenta, inflou uma massa de paneleiros gourmet, que foram às ruas de mãos dadas para apoiarem o golpe legitimando uma série de medidas impopulares, como a flexibilização dos direitos trabalhistas.

Na imagem 5 fica evidente o descontentamento quanto à implantação desses projetos antissociais e de cunho neoliberal que afetam a população trabalhadora.



Imagem 5: GolpistaSafado

Silva, et. al. (2016) observa que esse processo destrutivo da cidadania pelo governo golpista ultra neoliberal se verifica em todas as dimensões da destruição do Estado brasileiro (política, econômica, cultural, ética e estética). Dentre os projetos que servem para explicar o adjetivo presidencial, imputado pela voz do muro estão: proposta para diminuição da abrangência do Sistema Único de Saúde (SUS); flexibilização das leis trabalhistas favorecendo os patrões e a terceirização; reforma previdenciária aumentando a idade para a aposentadoria; fim dos gastos mínimos em saúde e educação estabelecidos pela Constituição Federal; concessões e privatizações das empresas estatais; mudanças nas regras de exploração

do petróleo do pré-sal; reforma no ensino médio com alteração na grade curricular tornando desnecessárias disciplinas com conteúdo de formação humana.

Ainda, a voz do muro deve se referir: ao lema positivista do plano de governo; vazamento de áudios sobre o pacto para conter o avanço de investigações da Lava-Jato; escolha de políticos investigados para compor seu ministério; retirada da urgência de tramitação do pacote de medidas anticorrupção no Congresso; elevação da previsão de déficit orçamentário; aumento das emendas parlamentares ou verbas destinadas a gastos diretos de deputados e senadores. Enfim, nem as infinitudes analógicas conseguem descrever a insatisfação dessas vozes nos muros propagadas em forma de pichação.

c) Religiosa

A principal voz nos muros registrada foi a religiosa. Tanto no que diz respeito ao quantitativo quanto a espacialização delas pelas avenidas, as intervenções de caráter teológico se fizeram presentes em praticamente todas as avenidas desde o centro até a periferia da cidade. No caso do painel da imagem 6 continha os signos retratados nas imagens 1, 7, 8, 9, 10 e 11. Vale dizer que o muro pertence a uma escola de uma igreja.



Imagem 6: Painel de Cristo

Segundo Magnani (2009) o sujeito religioso também compõe o ambiente urbano, já que se trata de uma dimensão da vida social. Para ele, nas cidades do interior a oferta dos

serviços religiosos é reduzida e a filiação sujeita-se a um maior controle social. Na metrópole a vivência religiosa tem mais alternativas de manifestação. Ao comungar dessas afirmações, foi perceptível as manifestações nos muros voltadas às religiões católica e protestante. Por outro lado, não foram encontrados quaisquer signos que fizessem menção a outras formas de religiões ou cultos. Veja que os muros expressam a hegemonia religiosa e também os silenciamentos sobre signos religiosos historicamente tratados de maneira preconceituosa.

Isso de certa forma evidencia o forte resquício do processo de colonização católico português sofrido, bem como a expansão da igreja protestante, notadamente a pentecostal e a neopentecostal, no Brasil. Pierucci (2004) ao discorrer sobre o declínio mundial do catolicismo nos últimos anos, principalmente nas sociedades mais desenvolvidas, nos fornece bases para considerarmos que essas manifestações religiosas nas cidades tradicionais do interior do Brasil, como é o caso de Rio Verde, devem permanecer ainda por muitos anos. Da mesma forma uma possível intolerância religiosa contra grupos rivais ou indivíduos sem credo.

Tendo essas considerações em mente, as imagens 7 a 14 revelam os ideais cristãos pregados pela cidade que enfatizam a comunhão, a propagação, o amor e a devoção.

Observamos as imagens abaixo.



Imagem 7: Por Cristo



Imagem 8: Com Cristo



Imagem 9: Em Cristo



Imagem 10: Amém

Para Ferreira e Grossi (2005) essas formas de representar Deus imprimem um imaginário católico no espaço de construção das cidades e são uma forma de manter seus habitantes unidos pela religião que se oficializa e se beneficia da convivência com o poder político. Uma leitura dirigida destes signos religiosos nos permite viajar pela discussão sobre as teorias criacionista e evolucionista. Também, questionar o papel da igreja católica durante o período da inquisição. Analisar o contraditório dos dogmas que permeiam assuntos como sexualidade, matrimônio e moralidade.

Não obstante, as imagens 11, 12, 13 e 14 confirmam que o nome Jesus é uma das vozes mais ditas nos muros da cidade. Via de regra, a mensagem vem sempre acompanhada de alguma outra mensagem como: caminho, verdade, vida, paz, fé, amor...



Imagem 11: Jesus

Barros (2011) na sua análise sobre o jovem Marx, Nietzsche e Freud mostra que religião tem uma função ideológica nas sociedades e que a Igreja cristã é um dos poderes mais atuantes na história das sociedades ocidentais. No caso das igrejas protestantes observa-se a multiplicação desmedida dos templos e as contínuas rixas entre seus pastores para captação dos recursos dos fiéis. As sempre presentes investigações policiais sobre golpe de pastores aplicados em fiéis, além das grandes fortunas obtidas em nome do senhor Jesus Cristo.

Vale observamos as imagens em sequência.



Imagem 12: Jesus: caminho, verdade e vida



Imagem 13: Jesus: paz e fé



Imagem 14: Jesus: amor

As imagens apresentadas são uma espécie de documento do imaginário atual, das ideologias, do regime de crença e dos dispositivos universais, como o retorno da teocracia como forma de poder.

d) Social

A segunda intervenção de grupos sociais mais encontrada, logo após a religiosa, foi a dos skatistas. Vinculada as mais tradicionais pichações, os skatistas gravam geralmente o desenho do equipamento esportivo junto a alguma simbologia e assinatura. Conforme Pereira (2010) as pichações contêm três partes: o símbolo da grife ou do grupo ao qual pertencem, o pixo que é a mensagem principal e as iniciais dos nomes dos autores para marcar o espaço.

Embora as imagens 15 e 16 pareçam não ter todas as partes do “pixo”, nota-se que existe uma identificação enquanto grupo social e de interesse. Cajé (2011) afirma que foram os jovens da periferia que adotaram a pichação como forma de marcar sua presença e passagem pela paisagem urbana. Já os jovens artistas e universitários de classe média que levariam a pichação à condição de ato artístico anônimo.

Na imagem 16 o símbolo da anarquia faz parte da manifestação talvez como um significado de liberdade, mas não necessariamente como um símbolo político-ideológico.



Imagem 15: SKEight



Imagem 16: Skate Anarquia

Na pichação da imagem 17 identifica-se a diferença na pichação do skatista vindo de uma cidade metropolitana, Santos/SP. Ele identifica suas iniciais o que é algo comum nas grandes cidades com grupos tradicionais e antigos de pichadores.



Imagem 17: Surfista do asfalto

O interessante nesses “pixos” é que os esportistas procuram ser vistos pela população e pelo poder público, pois estão interessados em terem atendidas suas reivindicações no que faz referência à conquista de espaço para a prática de seu esporte muitas vezes marginalizado.

2. Propaganda

De antemão, vale dirimir a generalização existente entre os significados das palavras propaganda e publicidade a fim de justificar o uso daquele em detrimento deste. Tratando-se de técnicas distintas em suas histórias, semânticas e próprias técnicas, pode-se dizer que ambas são instrumentos de comunicação mercadológica envoltos por um plano de ações denominado marketing.

Para Gomes (2001) as duas técnicas possuem como semelhança as capacidades informativa e persuasiva. No entanto, uma parte da diferenciação se estabelece na medida em que a propaganda visa o caráter ideológico enquanto que a publicidade o comercial. Mesmo que aqui o foco seja a propaganda, para fins de diferenciação conceitual também é possível identificar nos muros da cidade vozes com o caráter comercial que a publicidade interessa divulgar aos habitantes.

Tão comum quanto a poluição visual dos painéis e letreiros luminosos fixados nas fachadas dos prédios comerciais das avenidas, as paredes de terrenos baldios também são alvos pintados com publicidade de comércio e prestação de serviços em geral.

A partir das imagens 18 e 19 fica clara a finalidade comercial. Ao transitar pelas avenidas, dificilmente as pessoas comuns identificam nessa publicidade algo além da oferta de produtos ou serviços por uma empresa.

Estes comerciantes ou prestadores de serviços, geralmente locais, utilizam o espaço para obter muitas vezes uma divulgação de menor custo. Nesse sentido, esses espaços privados pintados evidenciam a diversidade econômica do centro da cidade ao apresentar um setor terciário que ao ofertar produtos do comércio e dos serviços é compelido a se misturar e a dar respaldo ao discurso do agronegócio.



Imagem 18: Carne, móveis e condicionador de ar



Imagem 19: Roupas, consultoria e equipamentos

A disputa pela comunicação nos muros, entre signos religiosos, estéticos, mercadológicos, políticos dão sinais do modo pelo qual a subjetividade contemporânea é edificada.

Política

Em outra direção, ao analisar o cunho ideológico das vozes nos muros, existem também as propagandas de cunho político. No caso da imagem 20, o financiador da propaganda deixou evidente o apoio ao Presidente eleito (2018-2022) e então Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro.



Imagem 20: Candidato midiático

Para Cioccarri e Persichetti (2018) o até outrora pretensão candidato tratava-se de uma construção midiática que representa uma parcela punitivista e de conservadorismo moral brasileiro. Suas mensagens utópicas e discursos apologistas à misoginia, racismo e homofobia se estabelecem numa relação emocional com o eleitorado liberal.

A voz presente na propaganda se vale dos dizeres “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e “Eu apoio político honesto, e você?”. Ainda conta ao fundo com a presença marcante da bandeira brasileira numa alusão direta a um movimento de retomada nacionalista e conservadora.

Esse quadro representa também muito do que Vasconcellos (2017) identifica dentro do modelo totalitarismo justificando a teoria de um Estado forte. Nessa doutrina se deprecia

os atributos de um povo e se transmite ideias pessimistas, laudatórias e ufanistas. Tal caráter irracionalista de viés autoritário, despreza a reflexão através da razão e propõe que a única forma de se capturar a realidade social do país é a partir da emoção ou da intuição.

Não obstante, percebe-se que a voz proferida busca ocultar as denúncias e os processos contra o candidato em questão, apesar de ampla divulgação na mídia em geral ao sugerir nas frases e gestos a figura de um salvador da pátria. Mesmo se tratando de uma propaganda com teor ideológico, ao que tudo indica, a mesma não fere o artigo 36-A da Lei das Eleições (9.504/1997), pois não se configura como propaganda eleitoral antecipada a menção a uma pretensa candidatura e a exaltação das qualidades pessoais dos pré-candidatos desde que não haja pedido explícito de voto (BRASIL, 2017).

3. Monumentos

Uma última parte muito importante à análise dos componentes iconográficos são as vozes que partem dos monumentos. A importância reside no fato de que esses componentes se transformam em vozes do poder público na medida em que eles propagam os feitos de administrações passadas ou exaltam formas ou modelos de vida, economia e de sociedade que devem ser implementados e seguidos.

No caso dos monumentos de Rio Verde, apesar de não serem muitos, são bem expressivos em significância e fornecem bases para se entender os caminhos que a cidade toma ano após anos. Galindo e Santos (1995) descreveram que os incentivos públicos nas décadas de 1950 e 1960 do século passado marcaram o acentuado crescimento econômico e populacional das regiões sul e centro de Goiás com a presença de grandes propriedades agrícolas e núcleos urbanos metropolitanos.

Na imagem 21, cada bloco de cimento corresponde a um período de dez anos na qual foi sendo construída a história de Rio Verde. De maneira positivista e, portanto, sem nenhuma crítica consistente aos agentes sociais da época, os monumentos seguem contemplando os grandes desbravadores fazendo pouca ou nenhuma referência e importância às etnias indígenas originárias e à mão de obra migrante como por exemplo da população nordestina.



Imagem 21: Aos desbravadores de Rio Verde

Na imagem 22 uma das placas que contam essa história na qual os protagonistas centrais são o assassinato de índios locais, o desmatamento do Cerrado, a força da pecuária extensiva, a atual agricultura capitalista e seus agentes privados e políticos.

Diante desse contexto, vale lembrar que essa leitura da realidade se faz tendo em mente que foi adotado para o município de Rio Verde o modo capitalista de produção de comódites estruturado em cima da grande propriedade, do uso intensivo de agrotóxicos e da concentração da renda da terra.

Na caracterização desse crescimento econômico descrito nas placas do monumento, é possível notar o interesse e a valorização da gestão pública pelo estabelecimento e financiamento da grande propriedade agrícola, em detrimento da formação de políticas de interesse da formação e organização do campesinato.



Imagem 22: Placa da primeira década

Também na imagem 23 é possível perceber que o monumento em forma de árvore do cerrado, retrata o desenvolvimento econômico e cultural de Rio Verde em uma ligação direta com a produção do campo, mas não com as pessoas deste campo por vezes desabitado.

O contraditório está justamente no fato de que o município praticamente devastou todas as suas árvores e fitofisionomias típicas do Cerrado em prol do crescimento baseado no tão sonhado lucro gerado pela agricultura capitalista latifundiária de exportação.

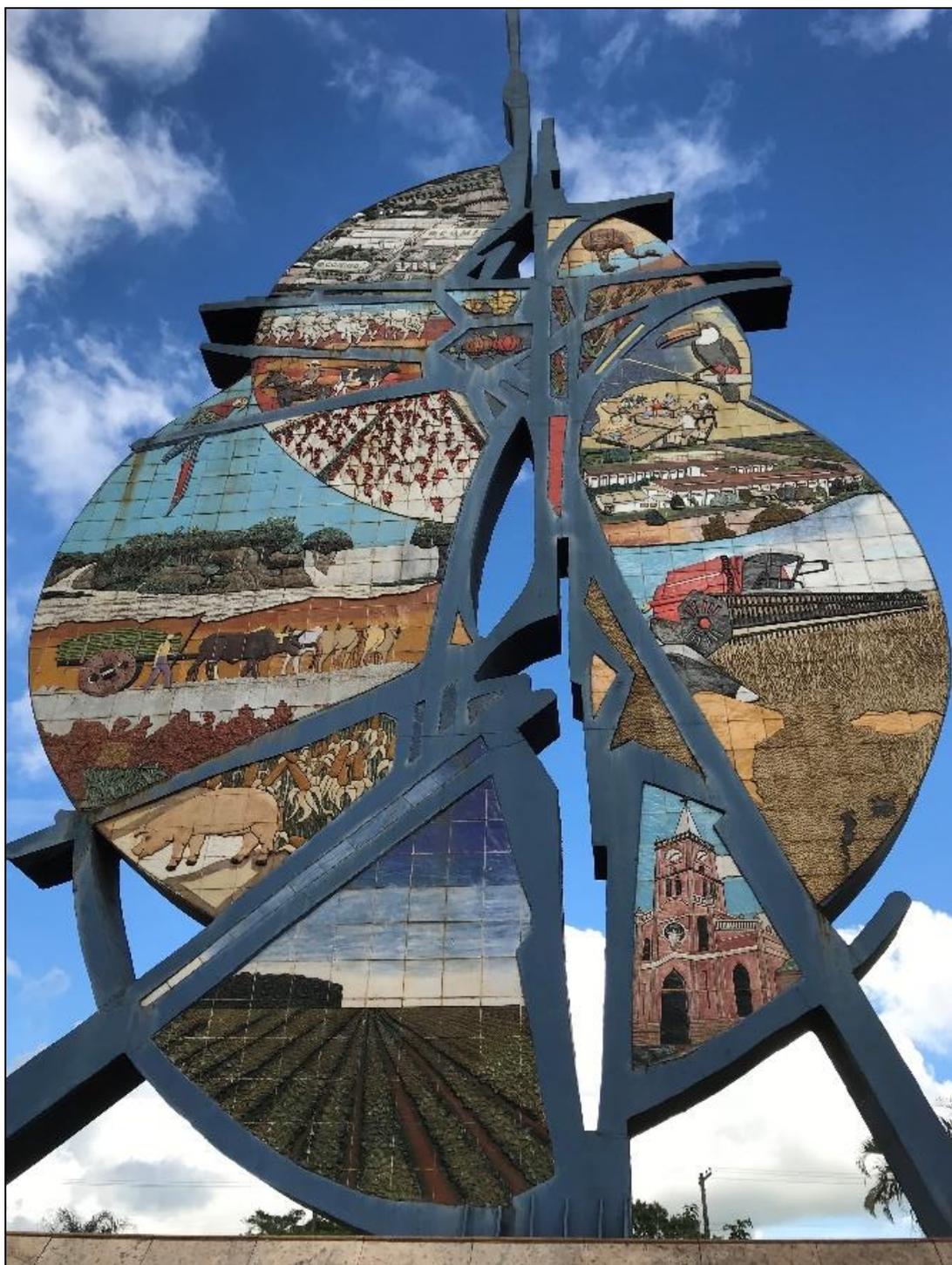


Imagem 23: Ao desenvolvimento de Rio Verde

Na imagem evidencia-se, portanto, vitrais com mosaico de extensas áreas de terra com grandes produções de soja, milho e gado altamente mecanizadas. Isso leva a perceber que a concentração de terra e, conseqüentemente, de renda, permaneceram como constantes no crescimento da cidade. Resultando normalmente na especulação imobiliária urbana, além

da rural, no surgimento dos enclaves fortificados e, via de regra, na elevação dos preços e aumento da violência.

Se buscarmos em Boff (2014) os elementos aceitáveis da também contraditória “economia verde”, veremos que seu lado positivo está longe de ser atingido pelo modelo produtivo adotado pelos produtores do município de Rio Verde. Embora existam alguns projetos públicos e privados em execução, tais como a coleta de embalagens usadas de agrotóxicos e o Programa Produtores de Águas que visa um pagamento para o produtor que reflorestar suas nascentes, o modelo produtivo em si é deveras nefasto.

Assim, partindo da proposição benéfica da “economia verde” deveríamos não só recuperar com urgência o cerrado degradado, mas também mantê-lo firme a fim de conter degradações e erosões de solo para que sejam mantidas a fertilidade da terra. Ainda, recuperar a quantidade e a qualidade de águas disponível nos mananciais e no lençol freático, bem como produzir uma melhora climática local e global a partir da diminuição dos gases do efeito estufa.

Por fim, a imagem 24 representa o monumento mais tradicional de todas as cidades do interior e, inclusive de algumas metrópoles que é o Cristo Redentor.



Imagem 24: Cristo Redentor

Nela, tal qual nas pichações religiosas, percebe-se a força do tradicional ao cuidar patrimonialmente da manifestação de uma única religião ao invés de ter uma atuação laica. Essa situação pode ser observada quando Oro (2011) afirma que a pretensa neutralidade do Estado em relação à religião se constitui mais um ideal do que uma realidade.

Considerações Finais:

A análise dos componentes iconográficos – pichações, propagandas e monumentos – de Rio Verde, permitiu desvendar algumas das características de uma parte da sociedade rio-verdense.

Se por um lado as vozes ilustradas não falam por toda a população, por outro dizem muito a respeito de alguns dos principais agentes sociais, econômicos e políticos da cidade. As imagens, ou os signos iconográficos, são, por isso, revelações das relações contraditórias da vida urbana.

Os contextos resgatados nos levam a entender os processos históricos de constituição social, política e econômica de Rio Verde como conservador nas suas mais diferentes vertentes como propôs Vincent (2000). Aventando com o autor, a cidade se mostra tradicional, pois há forte ênfase nos costumes, tradições e convenções sejam religiosas, rurais ou rururbanos. Mostram também um conservadorismo romântico de apego a um passado rural, muito embora respalde seu crescimento econômico na mecanização do campo desconfigurando a lida original e sua vegetação nativa.

Ainda, as vozes dos muros da cidade indicam uma sociedade liberal na medida em que propõe e apoia o Estado mínimo, o individualismo e os direitos pessoais e privados em detrimento dos sociais e coletivos. Por fim, o que se percebe é uma cidade na qual alguns grupos – políticos, produtores rurais e religiosos – elevam seu tom de voz, enquanto a maior parte da população se cala e se mantém pacífica ao menos diante do uso dos muros da cidade.

A leitura dos signos iconográficos, dessa maneira, mostra-se salutar no desvendamento das ideologias, no entendimento da apropriação da cidade e na interpretação espaço-temporal do lugar. Tal como foi trabalhado, a imagem, ao mesmo tempo revela e silencia. Vê-se, assim, que a interpretação iconográfica é uma forma de leitura política dos desígnios do espaço.

Referências

BOFF, Leonardo. **A grande transformação: na economia, na política e na ecologia**. Petrópolis: Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2014.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997**. <<http://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/lei-das-eleicoes/sumario-lei-das-eleicoes-lei-nb0-9.504-de-30-de-setembro-de-1997>>. Acessado em 02/12/2017.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas**. 1. ed. Goiânia: Editora da UCG, 2007. v. 1. 102p.

FERNANDES, João L. J. –**Cityscapes: símbolos, dinâmicas e apropriações da paisagem cultural urbana**. Máthesis. Viseu.,n.18, p.195-214, 2009.

LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS,Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Org.). **Por que gritamos golpe?**. 1ed. São Paulo, Boitempo, 2016. p.55-59.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. Religião e Metrôpole. **Religiões e cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Editora Terceiro Nome (Antropologia Hoje). pp. 19-28.

NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ORO, Ari P. A laicidade no Brasil e no Ocidente: algumas considerações. **Civitas**, Porto Alegre, v.11, n.2, p.221-237, mai./ago., 2011

PENNACHIN,Deborah Lopes. **Signos subversivos: das significações de graffiti e pichação: metrópoles contemporâneas como miríades sígnicas**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **As marcas da cidade: a dinâmica da pichação em são Paulo**. Lua Nova, São Paulo, 79: 143-162, 2010

RAMOS, Celia Maria Antonacci. **Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte**. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais – Florianópolis, 2007.

RIO VERDE. Câmara de Vereadores. **Rio Verde das Abóboras**. Disponível em: <https://camararioverde.com.br/ver_noticia.php?codpag=1174> Ano de 2015. Acessado em 06/12/2017.

SILVA, Maurício R. da S.; DICKMANN, Ivo; BERNARTT, Maria de L. Radiografia do Golpe, neoliberalismo e destruição do Estado, “apagamento “dos direitos sociais, “Educação Temer(ária)” e Escola sem Partido. **Revista Pedagógica**, v.19, n.40, jan./abr., 2017.

SPINELLI, Luciano. Pichação e comunicação: um código sem regra. **LOGOS 26: comunicação e conflitos urbanos**. Ano 14, 1º semestre 2007.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia - Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo, Difel, 1980.

VASCONCELLOS, Gilberto F. **Ideologia curupira: análise do discurso integralista**. 2ed., Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUPE. Série Monumenta, v.8, 2017.

VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**. Zahar, 1995.

Sobre o autor e a autora

Ana Carolina de Oliveira Marques

Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás(IESA/UFG). Docente no Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás/Campus Itapuranga. 1ª Secretária da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB/Seção Goiânia). Coordenadora Adjunta do Programa de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários (PROSOL/UEG). Áreas de interesse: economia solidária, educação popular, cartografia crítica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0307241378042814>

Fernando Uhlmann Soares

Professor Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Rio Verde/GO. Coordenador do Laboratório de Inteligência Geográfica (LABIG). Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Geoprocessamento pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/2008) e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel/2001). Atua nas áreas de Geoprocessamento, Sistemas de Informações Geográficas (SIG), Planejamento Territorial, Meio Ambiente e Políticas Públicas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2422679205433320>

Artigo Recebido em Outubro de 2018.
Artigo aceito para publicação em Dezembro de 2018.